

Se Essa Novela Fosse Minha...¹

Rafael DRUMOND²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

Este artigo discute a potência da telenovela enquanto *lugar* de pertencimento sociocultural. Nesse intento, parte-se de uma reflexão sobre a atuação das *virtualidades* como mecanismos modalizadores da experiência, destacando uma fecunda intersecção entre os fluxos significantes que compõem a dimensão tátil da vida e suas projeções. Coloca-se que a telenovela – produto cultural de muitos públicos, gênero de muitas memórias – é perpassada por dinâmicas simbólicas e afetivas que a definem como *espaço virtual* e *lugar real* para diversos (e, não raro, conflitantes) grupos sociais; e, portanto, deve ser analisada e produzida a partir de um olhar afinado às múltiplas complexidades que, em tempos pós-massivos, problematizam o jogo das narrativas de alçada nacional.

Palavras-chave: cultura televisiva; espaço; lugar; responsabilidade social; telenovela.

Nota Introdutória

Não poderia haver palavra melhor que *lugar* para designar os esforços teóricos delineados neste artigo, a saber, aquele voltado para o dimensionamento da telenovela enquanto espaço de pertencimento social, gênero articulador de memórias e temporalidades, campo de hibridismos e tensionamentos. Nessa perspectiva, vale destacar o esclarecimento conceitual de Duarte e Firmino (2010) que, entre as matrizes do espaço, distinguem a dimensão simbólica do *lugar* da esfera instituída do *território*. Para os autores, evidencia-se, na primeira ocorrência, um caráter afetivo pelo qual valores culturais são projetados sobre uma determinada porção do espaço.

Um lugar é o reino da simplicidade, onde algumas pessoas ou grupos se sentem culturalmente ligados a uma parte geográfica do espaço. Se o território é caracterizado por regras e submissão, lugar é caracterizado pelo afeto e pela escolha. (DUARTE; FIRMINO, 2010, p.34).

Nessa medida, efetua-se nesta argumentação um trajeto teórico que, partindo de uma visada filosófica da dimensão espacial, aporta sobre os dias correntes, nos quais, cada vez mais, as imagísticas circulantes definem outras dinâmicas de experimentação do espaço. Tomando-se o conceito de lugar, em sua dimensão afetiva, insere-se a teledramaturgia num

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Audiovisual do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e-mail: rafael.drumond@yahoo.com.br.

campo de muitos lugares de pertencimento, assim como se entrevê alguns conflitos resultantes da potência transformadora, e da conseqüente responsabilidade, inerente ao papel da teleficção na construção da realidade social. Na parte final do artigo, expõe-se uma situação a partir da qual se visa tensionar como, em países tardomodernos, os veículos de massa e seus produtos culturais enredam-se por complexidades éticas resultantes dos atritos de *hibridações não harmônicas* – dialéticas sofridas entre a invasão e a persistência.

Dos sentimentos de pertença e dos desejos de mudança, um dos muitos paradoxos que constitui a chamada pós-modernidade – período no qual o desencontro de temporalidades dissolve e afirma lugares de reconhecimento – decorre o movimento que Barbero define como a “fragmentação que desloca e descentra, o fluxo que globaliza e comprime, a conexão que desmaterializa e hibridiza” (MARTÍN-BARBERO; REY, 2004, p.31). Afinal, por uma perspectiva sociológica ampla, os fluxos de comunicação que relativizam diferenças, esgarçam solidariedades ou liquefazem afetos são os mesmos que motivam a contrapartida das fronteiras, isto é, as formas de resistência feitas de exclamações e intolerância, armas e estratégias, raiva e ressentimento. Certamente, esse movimento contrário não anula a força dos fluxos globalizantes, mas evidencia que a homogeneidade lograda pela atuação do mercado não passa de sensação, e que sob a estética universal do consumo, camuflam-se as conflituosas relações de poder engendradas por interesses geopolíticos, pelas desigualdades de classe, pela opressão das minorias e pelas assimetrias entre gêneros e raças.

A Condição Temporal do Espaço

Quando a história é tomada por ciclos maiores que a sobrevida da experiência humana, percebe-se que o passado recente da espécie – o da modernidade pós-medieval – inscrevia-se numa dimensão espaço-tempo radicalmente diferente daquela vivenciada hoje. Desse comparativo emerge um revés bastante curioso, definido por condições nas quais “el sujeto de la modernidad primera estaba hecho de tiempo, y el de hoy en dia está hecho también, y tanto más, de espacio” (MARTÍN-BARBERO, 2006b, p.8).

Há seis, cinco séculos atrás, o espaço marítimo era tão desafiador quanto hoje nos é a infinitude do espaço sideral, decorrência de um período no qual o desenvolvimento tecnocientífico ainda não permitia condições favoráveis de mobilidade; com efeito, o *mundo da vida* do homem comum daquela época atrelava-se fortemente ao contato com a

terra e ao determinismo de suas raízes, ao solo mãe a partir do qual se desenhava a geografia física e humana de uma pequena porção de planeta que lhe valia como a totalidade do globo. Nesse espaço de limites – onde, *tudo é lugar* – o tempo transcorrido seguia o ritmo desapressado dos *sem destino*, amansado pelas repetições da natureza, da cultura e do espírito que tique-taqueavam no pulso dos dias. Lá, as temporalidades profundas das heranças campesinas assomavam-se ao fascínio temerário pelos espaços outros dos marinheiros, o que Benjamin (1993) identificou como a matéria-prima para narração da experiência forte.

A partir da guinada cientificista iniciada na transição entre os séculos XVII e XVIII, e, mais tarde, no contexto do Iluminismo, percebe-se o princípio de uma mudança das condições fenomenológicas das experiências ocidentalizadas, na qual se registra a passagem da *expressividade do situacionismo* de outrora para a *potência* de uma *tecnoracionalidade* em curso. Nesse processo, inscrevem-se os primeiros movimentos abolicionistas das matrizes tradicionais do espaço, um ligeiro rompimento com a concepção feudalizada do lugar físico e fixo a partir do qual se organizava a gramática de dominação dos diversos poderes instituídos. Da maioria emancipadora ao reconhecimento das periferias coloniais da Europa, as quebras desse interstício histórico redimensionaram a percepção psicossocial sobre as condições da existência humana, o que ensejou a revisão das cartilhas políticas e dos hábitos culturais que modulavam a vida social de então.

Com o advento dos tempos pós-modernos percebe-se o recrudescimento do existencialismo e da fenomenologia no plano filosófico³, assim como a bancarrota dos grandes relatos (LYOTARD, 2002) que, no passado, entrecruzavam as narrativas e os imaginários, as modalidades escrita e oral da cultura, assim como os projetos artísticos e os avanços da ciência. Propulsionado por um entorno tecnológico que transformou as dinâmicas do ser e do estar, do ler e do ver, do sentir e do expressar, inaugura-se um novo regime de experimentação do espaço e do tempo, marcado, entre outros fatores, por constantes processos de deslocalização que friccionam formas multilocais e multitemporais de racionalidades, na medida mesma em que promovem impensáveis intercâmbios de sensibilidades. (MARTÍN-BARBERO, 2006c).

Não obstante, o tempo campesino que antes abundava foi agora capitalizado: pressionado por uma demanda inflacionária e uma oferta escassa, seu valor acabou elevado

³ Coloca-se aqui, do ponto de vista epistêmico e filosófico, a substituição de um paradigma da consciência, amparado numa visão essencialista das coisas, por um paradigma da linguagem, segundo o qual a constituição do mundo humano encontra-se fundada nas faculdades expressivas e comunicativas atreladas ao universo linguístico. Para consolidação científica desse quadro, apontam-se as contribuições oriundas da filosofia da linguagem, da sociologia fenomenológica, do relativismo cultural, dos estudos semiológicos, das explorações psicanalíticas e das teorias sobre a experimentação estética.

nas cotações do mercado. Por sua vez, o além enigmático das fronteiras do passado descortinou-se para todos os sujeitos, dessacralizando as aventuras da imaginação idílica pelo grafismo da transparência que tudo revela. O marinheiro benjaminiano ancorou-se no porto definitivo de onde partem as viagens daqueles que não mais saem do lugar – o nomadismo dos homens que não migram, posto aqui, em razão de desencanto à fausta previsão de Deleuze e Guatarri (1997): transformados agora em consumidores de *espaço simbolizado*, esses homens nômades, fartam-se nos catálogos das agências de viagem, *zappeiam* com o controle das excitações remotas, ou ainda, navegam pelas oceanidades *online* e seus eficientes projetos de cartografismo virtual.

E, paradoxalmente, essa nova espacialidade não emerge do itinerário que me tira do meu pequeno mundo, senão ao contrário, da experiência doméstica convertida pela televisão e pelo computador nesse território virtual ao qual como expressivamente disse Virilio “todos chegam sem que tenham que partir”. (MARTÍN-BARBERO; REY, 2004, p. 34).

Nesse processo de redimensionamento da experiência, a questão espacial assume um curioso protagonismo relacionado à ambivalência tecnológica de amplificar os espaços humanos para fruição e atuação social, da mesma forma em que favorece o surgimento de experimentações vicárias da vida. Nessa medida, a dimensão imagética ou virtualizada desse extensionamento adquire, como coloca Sodré (2002), uma função reguladora de *prótese* pela qual a partitura estética e a regulação orgânica das formas de vida ou *bios* (costumes, condutas, cognição, sensorialismo) ordenam-se a partir de exterioridades técnicas que hipersimbolizam enquanto dessemantizam os vínculos sociais.

Foucault especula que a nossa época talvez seja, acima de tudo, a época do espaço. Diz ele: “(...) vivemos na época da simultaneidade: nós vivemos na época da justaposição, do próximo e do longínquo do lado a lado e do disperso”. (FOUCAULT, 2006, p.54). Esse processo, que a um só tempo aproxima o distante e segrega o próximo, surge como derivação da conjuntura político-econômica, contextualizada no bojo dos fluxos globalizantes que fomentam a onipresença cognitiva do capitalismo⁴, assim como pelos aparatos tecnosimbólicos que formatam distintas formas de comunicação e de interação social.

⁴ De acordo com Moulier-Boutang (2003), a longa crise atual, nomeada pelo termo *globalização*, traduz uma mutação radical e estrutural do capitalismo, em que o pós-fordismo desemboca no capitalismo cognitivo. A mutação do capitalismo é drástica pois se trata de uma mutação estrutural, ou seja, de um rearranjo de certos elementos que são conservados mas cuja função sofreu uma reviravolta, como por exemplo, o papel do trabalho operário, o papel do conhecimento, as estratégias da publicidade, a função do mercado, a relação com a técnica.

Por uma visada menos fatalista, as atuais remodelações do espaço, ao modificarem as dinâmicas nele desdobradas, incidem sobre sua geração de sentidos práticos e sobre a gestação de sua potência, isto é, outros pontos de fuga. Essa angulação nos permite entrever – para além do que há de pertinente na crítica ao empobrecimento das hodiernas relações entre sujeito e espaço – as rotações da *matriz viva* que compõem as espacialidades, verificadas tanto na acidental estesia dos usos e significações preceptados por *lugares de sensibilidade*, quanto na polifonia social materializada pela ocupação caótica e culturalmente efervescente das topografias urbanas.

Desse esforço reflexivo, depreende-se que o espaço não é, ao contrário do pressuposto, uma dimensão dada, composta inercialmente de fisicalidades inseridas no âmbito do concreto e da tutilidade. O espaço modulado pelas razões tecnoperceptivas, assim como a imagística geradora de *lugares outros* – no qual se desdobra um *agir social simbólico* – complexifica-se a partir do despertar de faculdades espaciais outrora atrofiadas, tais como a mobilidade e as heterogenias.

Virtu(Re)al

Pierre Lévy (1999) sublinha que a esfera cada vez mais generalizada do *virtual* vem alterando as concepções espaciais e temporais dos sujeitos da pós-modernidade, sobretudo a partir dos fluxos de *desterritorialização* e *desprendimento* que, a partir de operações tecno-imagísticas, concorrem para a reinvenção do mundo. Depreende-se daí a *utopia da irrestrrição dos espaços virtuais*, isto é, o otimismo tecnológico que postula a inexistência de limites criativos dentro das ambiências eletrônicas e programáveis.

Entretanto, torna-se fundamental salientar que a ideia de um *espaço virtual* – “criação computadorizada de ambientes artificiais e interativos” (SODRÉ, 2002, p.16) – não deve, conforme adverte o próprio Lévy, ser interpretada com base numa oposição simplista às chaves oferecidas pela dimensionalidade corpórea da realidade tátil. Primeiro, porque o intercruzamento das experiências de mundo com as mediações da tecnologia não permite derivações daquele purismo romântico que, em outros tempos, enaltecia o indígena autóctone; até porque, a técnica é uma dimensão da linguagem sob a qual se ancoram as razões de ser da racionalidade humana, reconhecimento este que, de antemão, refuta os posicionamentos assentados naquilo que Barbero (2006a) definiu como uma crescente onda

de fatalismo tecnológico aliado ao mais radical pessimismo político e à exasperação da crítica à decadência cultural.

Além disso, sublinha-se um segundo fator para justificar a impertinência dessa segregação: dicotomizar os espaços virtual e real implica na desconsideração das práticas que se operam a partir de um regime caótico de interpenetrações entre, por exemplo, vivências e imaginários, narrações e narrativas, identidades e alteridades. A conclamação de esforços para um pensamento único sobre a dimensão simbólico-material da experiência tem como objetivo, entre outros, evitar a polarização valorativa que ufaniza os *entes do real* em contrapartida à pejoração dos fenômenos virtuais, estes reduzidos à condição vicária de mentira ou simulação.

Certamente que conhecer um lugar de descanso e turismo pela navegação no *Google Maps* não possui a potência das viagens concretas, afinal, ninguém se sente renovado pela interface digitalizada do mar. Ou ainda: relacionamentos à distância possibilitados pela *web* – amantes *in absentia* – possuem lógicas distintas daquelas que norteiam os casais *in corpore*. O que não quer dizer, em absoluto, que não se possa viajar pelo *Google Maps*, ou então, que não exista amor via *Skype*. Trata-se de experiências distintas que não devem ser reduzidas umas às outras, pois há múltiplas possibilidades de experimentação e interação do tempo e do espaço contemporâneos, e nenhuma delas deve ser laureada com o título-mor de uma idealidade universalizante.

A Gente se Vê por Aqui

Partindo então do encadeamento entre a virtualidade do espaço e as espacialidades sob as quais se fundam as ordens sociais e as desordens da cultura, evoca-se um olhar teórico para a possibilidade da *virtualidade* se converter em *lugar de pertença social*: será possível atribuir *referencialidades* – raízes de identificação afetiva – a esse espaço intangível e volátil das imagísticas e narrativas que circulam desde o campo do ciberespaço até o domínio do audiovisual? Porém, numa pergunta de sugestão contrária: se esse mundo tecnoglobalizado e hipermediatizado enfraqueceu a solidez dos lastros não mercantilizados, não seria através dos *espaços de representação*⁵ (HARVEY, 2011) que os sujeitos seriam

⁵ Harvey (2011), inspirado em Lefebvre, categoriza três tipos possíveis de práticas espaciais: (1) práticas espaciais materiais, pertencentes à ordem do vivido, relacionado à produção de infraestruturas físicas e à organização territorial de infraestruturas sociais; (2) representações do espaço, dimensionadas pelo percebido e entrevistas nos sistemas de mapeamento, representação visual e na circulação discursiva; (3) por fim, que aqui nos interessa explorar, o espaço de representação, projetado a partir da âmina imaginativa, onde se constrói capital simbólico, onde se fundam medos e

capazes de reestabelecer, pelas vias sensíveis da imaginação, o elo perdido com a razão de encantamento da vida?

Exploraremos a potência dessa associação conceitual, sinalizando desde já que, a meu ver, não só é possível pensar a virtualidade como lugar, como tal condição é fundamental para compreensão do uso social da potência comunicante, dos simbolismos estruturantes e das interações sociais que tecem as complexas mundividências sobre a contemporaneidade. Afinal, a dimensão afetiva do lugar, outrora associada à noção de herança social e familiar – isto é, às origens do sujeito, seu passado – deságua agora sob a expectativa dos *lugares de projeção*, espaços onde a conexão com o longínquo e a segregação em relação ao próximo expande o raio das sociabilidades para além das frustrações sufocantes das experiências locais, vistas assim pelos olhos cansados dos *lugares comuns*.

Dessa forma, a virtualidade irrompe-se como *espaço privilegiado do vir a ser*, lugar de geração de possíveis onde a carência pulsional em ver e sentir, quando não o desejo profundo de transcendência, encontra, para ventura dos deslocados, o já citado otimismo pela irrestrição das experiências virtualizadas. Nota-se uma alteridade na qual, por um lado, os sujeitos transferem para os espaços de representação, pelos mecanismos da *telerrealização* (SODRÉ, 2002), seus anseios não atendidos pelo mundo cotidiano da vida, insatisfações generalizadas emergentes da ordem do trabalho ou das afetividades íntimas.

Ainda que a ótica da mídiatização reclame por uma perspectiva sistêmica e integrada que operacionalize as ações e usos das diversas mídias dentro das culturas sociomidiáticas, pondera-se que o espaço virtual de representação é composto por distintos circuitos, ainda que, por eles, transitem as mesmas matérias orgânicas. Dessa forma, comparar o espaço de representação da Internet com a da televisão, por exemplo, supõe o reconhecimento das diferenças que fazem desses domínios lugares distintos, estruturados por particularidades técnicas e dimensionados por usos próprios; o que, por consequência, resvala nos perfis de usuários e nas demandas de expectativa das mídias em questão, levando ao pressuposto que o *meio* é um caractere fundamental, ainda que não o único, para a elevação do espaço virtual à potência afetiva dos lugares de pertencimento.

Brasilândias

tradições, ritos e repressões. Sobre essa terceira categoria são produzidos, do ponto de vista espacial, os planos da utopia, as paisagens imaginárias, os projetos de ontologias reminiscentes, as ficções científicas, as mitologias, o desejo e a poética.

Efetua-se agora um recorte a partir do qual será trabalhada a força latente dos lugares virtuais: primeiro, por um critério de *meio*, elege-se as imagísticas da TV como partida empírica das análises tecidas, sobretudo em função da *retórica da cotidianidade* que funcionaliza o fluxo televisivo através das *poéticas da repetição* (MACHADO, 2000) e das memórias do palimpsesto. Segundo, em razão da multiplicidade de conteúdos circulantes nas programações televisivas, opta-se pelo estudo de caso das narrativas ficcionais, tendo em vista a potência do *gênero* enquanto *comunidade imaginada* (ANDERSON *apud* LOPES, 2002) e *recurso de multimediasções*.

O conceito de comunidade imaginada foi cunhado originalmente como referência aos sentimentos solidários de identificação coletiva, gerados sobretudo a partir da formação dos estados nacionais europeus. Esse conceito foi apropriado por Lopes (2002) para análise da *comunidade de sentidos* articulada em torno das narrativas teleficcionais, transposição cuja pertinência se justifica pela atuação da telenovela na prescrição de imaginários nacionalizantes e na amplitude dos vitrinismos telemediados, assim como através da prefiguração dos gostos e pela regulação cultural de hábitos e rotinas. Essa telepresença alicerça a sociedade sobre virtualidades que referenciam processos de interação social, estabelecendo assim, um espaço de convergência das coletividades no qual se nota uma típica conformação simbólico-afetiva.

Quanto à colocação do gênero teledramatúrgico como recurso de multimediasções, faz-se importante sublinhar o aspecto *difuso* do *lugar* da ficção televisiva. O entranhamento sociocultural da telenovela – que, por medidas de adequação e amplitude, comunica-se a uma heterogeneidade de públicos enquanto atende a uma pluralidade de interesses – torna esse produto um exemplo ímpar da amálgama (francamente inclinada ao anacronismo) de narrativas e *subgêneros*, sítios e temporalidades. No caso latinoamericano, onde a tardomodernidade importou os modelos de desenvolvimento das nações mais poderosas do globo, sem, contudo, renunciar à cimentação social das solidariedades tradicionais, e ainda, sem superar as heranças coloniais da pobreza e da desigualdade, a diversidade do bioma teledramatúrgico manifesta-se através dos numerosos cálculos que equacionam hibridismos e diferenças; mediações simultâneas entre a mitologia do campo e a racionalidade da cidade, entre o lugar sagrado da casa e o espaço profano da rua; mediações que situam a TV como palco de representações sociais e arena de reivindicação das minorias, que interconectam as emoções genuínas da audiência e a estética comercial da exportação mundializada. Tais mediações fazem da telenovela um lugar virtual impregnado de

realidades sociais, formador não apenas de comunidades afetivamente afinadas, mas também espaço – ou campo, pela perspectiva de Bourdieu (1990)⁶ – onde concorrem diversos grupos pela topografia privilegiada dos *lugares televisionados*.

Inclusive, esses tensionamentos resvalam até mesmo sobre os projetos identitários afeitos à mítica do consenso social⁷ – a representação da figura materna, por exemplo – o que compõe um quadro de dessemelhanças na própria paisagem do mais coeso dos sítios: definem-se assim os *lugares complexos* da pós-modernidade, espaços onde a dimensão afetiva não deve ser reduzida ao espírito ordeiro das cumplicidades. Por essa leitura, a *geografia sentimental* da teledramaturgia não caberia numa escrita cartográfica insensível à *regência política das afetividades*, isto é, à conjuntura descortinada pelo campo social das visualidades eletrônicas. Para além das matrizes unificadoras do melodrama e da cultura, a reflexão sobre o *lugar teledramatúrgico* invoca um olhar atento às tensões e rupturas que acirram conflitos no espaço televisivo, o que, pelas diretrizes veladas dos enquadramentos e dos critérios de representatividade, pressiona as instabilidades dos (desequilibrados) ecossistemas comunicacionais.

Dessa forma, o lugar teledramatúrgico – lido a partir de uma chave espacial, onde se organizam relações de poder – oferece uma abertura para compreensão dos movimentos axiológicos que contextualizam os fluxos comunicacionais no bojo das disputas contemporâneas; uma contenda na qual o anseio por espaços de expressão por parte dos sujeitos ordinários defronta-se às modalizações do capital e da ação política: um litígio pela ação afirmativa dos lugares de pertença e reconhecimento, em declarada oposição à métrica dos totalitarismos reminiscetes, ou ainda, aos *inputs* – domesticação das racionalidades – que tornam a faceta carismática do neoliberalismo uma poderosa arma de territorialização das ideologias mercantis. Nesse sentido, a potência semântica do lugar teledramatúrgico traduz-se pela indicialidade social e antropológica que faz do *gênero* um poderoso estabilizador das relações entre *matrizes culturais* e *formatos industriais*, campo empírico para a ancoragem de férteis reflexões sobre as transmutações que as *tecnicidades* e as

⁶ Para o teórico francês, o campo social é composto por dimensões (ciência, família, religião, mídia, classe social) que atuam nos processos de subjetivação, implicando uma relação na qual, diante de uma *necessidade de agir*, constata-se a formulação de *sentidos práticos* em razão de critérios estabelecidos a partir do contexto social. Essa interdiscursividade (da linguagem, das tradições, da história...) constrange e limita a ação subjetiva, uma vez que, para Bourdieu o campo é um jogo, onde as regras já se encontram postas e as lutas relacionam-se, justamente, em como alterá-las.

⁷ Cabe aqui, em contraposição ao modelo de audiência esquematizado a partir de lugares mais fixos de pertencimento – aqueles, por exemplo, relacionados à diferenças de classe, gênero e raça –, a visada pragmatista de Dewey (1954) que define a configuração (muitas vezes passageira) de *públicos* a partir de fatores difusos, situados contextualmente, em função de múltiplos critérios de *afetação social* e *subjetiva*.

visualidades imprimem à *cifra simbólica* que intercepta o passado no presente: processo onde as *temporalidades sociais* são redefinidas por novos cruzamentos e outros paralelismos entre o tempo produtivo do capital e o tempo ocioso do lazer.

Nesse contexto, destaca-se a problemática das políticas de *merchandising social* aplicadas ao entretenimento e à telenovela, em particular no que tange ao pensamento que, aos moldes de Luhmann (*apud* SERELLE, 2011), interpretam os produtos dessa natureza a partir de uma pretendida duplicidade do ficcional (entretenimento como jogo, no qual se cria uma segunda vivência, conferindo-se assim a condição de *realidade real* à forma habitual de experimentar a vida). Essa visada implica, a meu ver, em uma suspensão indevida da dimensão ficcional, o que, no caso da teledramaturgia nacional deve ser relativizado em função dos assentamentos psicossociais armados sobre o lugar da ficção. A telenovela e o entretenimento televisivo em geral não estão, em absoluto, em estado de cortinamento social: ao contrário, o entretenimento teledramatúrgico cola-se à cotidianidade do brasileiro, sobretudo ao espaço íntimo e privado do lar onde a televisão exerce papéis que oscilam entre exercícios primários de socialização e uma pulsão libidinal já fragilizada por um casamento de mais de seis décadas.

Dessa forma, parece-me relevante que o posicionamento sobre a fratura de um entretenimento pedagógico, marcado por *merchandisings* educativos (SERELLE, 2011) deva ser ponderado a partir da visada sobre *responsabilidades* inalienáveis à teledramaturgia, assim como, de forma não excludente, a partir do reconhecimento da atuação (ainda persistente) dos mecanismos “didáticos” exercidos sob a palmatória dos velhos costumes. A ideia da novela como lugar do brasileiro, do melodrama como gênero nacional, não deve limitar a potência transformadora do entretenimento televisivo. A pior faceta desse didatismo não é, espelho, o recurso pedagógico em si (esse, parte das matrizes constituintes do melodrama). O problema estaria na educação adestradora que familiariza os sujeitos à barulheira midiática e que substitui valores éticos pela valoração do mercado, movimento transacional nos quais os interesses comerciais são rotulados como opinião pública e a demagogia é vendida pelo preço da democracia. Se existem ruídos que só são notados quando cessados, o controle remoto poderia ser um bom operador da duplicidade ficcional de Luhmann. Pena que com a telenovela, ele não funcione.

Lugar de Públicos

No Brasil, a presença expressivo-simbólica da telenovela na experiência íntima dos sujeitos espectadores está longe de reduzir-se, de forma extensiva, à banalização engendrada pelo trânsito intenso das imagens que nada dizem. A leitura social dos simulacros e os decorrentes desencantos das projeções virtuais – processos exponencializados pela rapidez dos fluxos do ciberespaço e pela diversidade das cestas de consumo cultural – parecem vacinar os sujeitos contra os males da manipulação ideológica; entretanto, reconhecida a positividade crítica desse viés, coloca-se que – sob o risco de julgamento do *todo* pela *parte* “conectada” – seria negligência ignorar as diferenças de temporalidades sociais e expressões culturais que compõem o nosso país, o que, em meio a um cenário de profusões narrativas e guerrilhas imagísticas, pede pelo reconhecimento da *persistência* de algumas virtualidades, uma vez que sobre elas assentam-se muitos lugares de pertencimento.

Porque as pessoas podem, com certa facilidade, assimilar os instrumentos tecnológicos e as imagens da modernização, porém, só muito lenta e dolorosamente podem recompor seus sistemas de valores, de normas éticas e de virtudes cívicas. A incerteza, que vem com a mudança de época, está em nossa sensibilidade, mas à crise dos mapas ideológicos se agrega uma forte erosão dos mapas cognitivos, que nos deixa sem categorias de interpretação capazes de captar o rumo das vertiginosas transformações em que vivemos. (MARTÍN-BARBERO; REY, 2004, p. 32).

Assim, se a telenovela é lugar de heterogenias sociais, as políticas de narrativização do teledrama e a composição imagística da ficcionalidade revelam-se exercícios de inevitável responsabilidade para as empresas que, na ponta criativa dos simbolismos televisivos, devem se atentar ao regime de mútuos ajustamentos reivindicados pelas raízes históricas do gênero teledramatúrgico. Essa responsabilidade social – não necessariamente jurídica – decorre do reconhecimento da participação acionária dos espectadores na gestão do material signifiante da cultura brasileira das telenovelas, evitando assim demarcações impróprias nas terras da ficção.

Exemplifico com um caso de pesquisa: no dia 14 de janeiro de 2011 foi ao ar o último capítulo da telenovela *Passione*, um ágil folhetim escrito por Sílvio de Abreu e dirigido por Denise Saraceni, que obteve uma repercussão mediana junto às audiências. Nessa data, encerrava-se também o trabalho de campo e a rotina de visitas referentes à etnometodologia adotada em *A Vida em Capítulos*⁸. Após assistir, em uma das casas acompanhadas, aos

⁸ Pesquisa *A Vida em Capítulos*, iniciação científica empreendida em 2010, financiada pelo PROBIC (Programa de Bolsas Institucionais de Iniciação Científica) da PUC-Minas. Nessa oportunidade, valendo-me da *etnometodologia*, fui a campo

desfechos da narrativa, recebo uma rara ligação de Dona Maria, etnografada de outro núcleo familiar, injuriada com a “*falta de caso*” desse pesquisador:

- Rafael, meu filho. Você não quis vir aqui em casa ver o final da novela com a gente, porque você gosta mais da outra dona que sei, mas eu quero que você coloque uma coisa aí no seu trabalho. – disse a faxineira, num meio tom de protesto e denúncia.

- É o seguinte: menino, que FIM foi aquele? O homi pirô? O FIM vem depois de casamento, de beijo, de filho... Na hora que juntou a família da Bete, por causa do aniversário dela... Por que que a novela não acabou ali? Por que que essa não foi a última cena? Parece que ele queria que a gente guardasse aquela maldade toda, aquela cara de demônio que a menina fazia... Olha, me senti muito mal, e nem preciso te explicar porquê.

De fato, as explicações de Dona Maria eram desnecessárias. *Passione* foi uma trama marcante para a faxineira, tanto pela inusitada situação de pesquisa, quanto pelos incômodos que retiraram a mulher de quase sessenta anos do lugar almodado da teledramaturgia: desde o *choque do real*⁹ (JAGUARIBE, 2007) ao rompimento com convenções do gênero e com modelos clássicos de contratação teledramatúrgica, *Passione* não foi uma novela como a maioria. Para a mulher que transformou uma agenda de pesquisa na matriz viva do melodrama – “Você prefere a gente que a outra família, né?” – as “maldades” da trama poderiam até ser toleradas (o esportista viciado em *crack*, o aborto na adolescência, o piloto pervertido, a pedófila que queria cafetinar a neta, o executivo que morreu vingado pela menina que, no passado, havia estuprado), conquanto o mecanismo de correção social restabelecesse a ordem que, ao menos na ficção, sempre foi uma garantia.

Esse episódio ilustra, de forma simples e atenta às complexidades, os nuances que compõem o *lugar teledramatúrgico* na sociedade brasileira. A delicadeza desse espaço de encontros e rupturas evoca uma criticidade que, em absoluto, deve ser arrefecida pelos argumentos conservadores que contribuem apenas para difusão de preconceitos e para manutenção de pensamentos mesquinhos; que sim – reconhecida a inserção simbólica da televisão na cotidianidade do brasileiro e o valor afetivo da telenovela –, seja feito um uso

para presenciar e descrever alguns *fenômenos de interação* entre um produto de teledramaturgia (*Passione*, Rede Globo – 2010) e duas famílias de classes sociais distintas.

⁹ Jaguaribe (2007) define o *choque do real* como “a utilização de estéticas realistas visando suscitar um efeito de espanto catártico no leitor ou espectador” (JAGUARIBE, 2007, p. 100). No caso de *Passione* essa ressonância cognitiva esteve associada, na família de Dona Maria, sobretudo ao ciclista Danilo (Cauã Reymond), jovem de classe alta viciado em *crack*. Iltinho, neto da faxineira de, na época, 11 anos, era completamente indiferente à trama, com exceção às cenas de violência que envolviam o esportista. Esse comportamento incomodava a avó do garoto, que na impossibilidade de esperar pela correção social da novela, adiantava-se na tarefa: “Não aprende isso não, viu filho? Você tem que prestar atenção é no mal que isso tá fazendo com a vida dele”.

consciente da potência política e social do meio e seus produtos, visando às transformações (aquelas lentas e dolorosas) que nunca deixaremos de necessitar; mas que, ao mesmo tempo, o entretenimento televisivo jamais seja unidimensionalizado a partir das lógicas próprias dos *lugares únicos*, tais como o lugar da diversão, da arte, da escola, da família, do mercado...

A sugestão deste artigo é que a telenovela brasileira, enquanto produto de entretenimento – mas sobretudo enquanto produto cultural –, seja entendida em sua natureza própria; processo estabelecido historicamente por uma relação de usos e significações que, ao longo de 60 anos, determinou uma ocupação social do espaço virtual por onde se fez e se continua fazendo a teledramaturgia, assim como pela construção da realidade social que nela ganha formas peculiares. A questão que se desenha é, em suma, uma relação de natureza ética, no qual o *saber das narrativas*, a memória do gênero, é apropriado pelo *saber ser* dos sujeitos-atores – relação viva entre devires.

A partir dos intercruzamentos físicos e simbólicos – tipificados pela virtualização crescente das interações sociais, tal como pela atualização da experiência midiática, baseada na realidade da informação – entende-se os limites da teleficção para a constituição de um espaço anárquico onde as expressões possam alcançar a ânima espontânea da rua. Uma limitação originada não só em virtude das mediações videotécnicas ou por institucionalidades de qualquer ordem; tampouco pelos incômodos possivelmente gerados no plano da cotidianidade (muitos deles necessários a uma sociedade plural que se pretenda amplamente representada); mas, sobretudo, pela consciência das temporalidades conflituosas encarnadas em sujeitos como Dona Maria, pessoas que fazem do lugar seguro do lar – suíte íntima de uma vida anônima –, um refresco contra as dissonâncias da memória e das experiências presentes.

Certa confusão surge, para a faxineira e para mim, quando o *choque da realidade*, projetor de uma grande *violência simbólica* (BOURDIEU, 1997), por um mecanismo quase perverso, transforma o desejo de reconhecer em mera pulsão de ver, aproximando-se da leitura que coloca a imagem no epicentro da reificação hodierna das subjetividades. Ainda no caso verídico: a faxineira que viveu toda a vida no Conglomerado da Serra – o maior conjunto de favelas da Região Metropolitana de Belo Horizonte – “mulher de um marido e muitas novelas”, chocava-se com *Passione*, mas vidrava-se no mesmo folhetim: diante da violência, mandava o neto sair da sala, mas não desligava a televisão; virava os olhos

enquanto arregalava os ouvidos; assustava-se com o grafismo da trama, mas parcelou, durante sua exibição, uma TV LCD de alta resolução.

Tal exemplo, transparente da condição híbrida dos povos de cá – o que nos é potência, não apenas limite – merece análises tecidas a partir do cuidado daqueles que *sabem dizer* aos infantes de todas as idades, assim como *sabem escutar* os adultos de todos os saberes. Por essa via, funda-se o conhecimento justo e prudente, e, por ela, devem ser operadas as entradas no *lugar de muitos* da teledramaturgia. Afinal, o *espaço ficcional* introduz potentes mecanismos para mudanças sociais, como também resguarda valiosas resistências contra a desmemória do tempo em curso: esses lugares onde, entre a utopia do último capítulo e as heterotopias¹⁰ da diferença, flanam os sujeitos que, pelas ruas da cidade ansiosa, engarrafam-se em razões de desencantamento.

Referências

BENJAMIN, W. **O narrador**: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. IN: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**: seguido de a influência do Jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

_____. **A dissolução do religioso**. In: *Coisas Ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol.V. São Paulo: Editora 34, 1997.

DEWEY, J. **The public and its problems**. Chicago: Swallow Press, 1954.

DUARTE, F.; FIRMINO, R. **Manifestações e implicações de uma vida urbana ampliada**. IN: JESUS, E. (org.). *Arte e novas espacialidades: relações contemporâneas*. Fase 10: Rio de Janeiro, 2011.

FOUCAULT, M. **Outros Espaços** (1967). In: FOUCAULT, M. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

HARVEY, D. **A experiência do espaço e do tempo**. IN: HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. Loyola: São Paulo, 2011.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, M. I. V. **Narrativas televisivas e identidade nacional**: o caso da telenovela brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25, 2002, Salvador. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em:

¹⁰ Foucault (2006) define as *heterotopias* como espaços diferentes, lugares outros onde não estou, mas que me referenciam no lugar onde me encontro.

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP14LOPES.pdf
>. Acesso em 13 Jun.2011.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. 2ª ed. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

MARTÍN-BARBERO, J.; REY, G. **Os Exercícios do Ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

_____. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006a.

_____. **Pensar juntos espacios y territorios**. In: HERRERA, D.; PIAZZINI, C. E. [Des]Territorialidades y [No]Lugares. Medellín: Universidad de Antioquia, 2006b. Disponível em:
<http://pt.scribd.com/doc/6334258/Pensar-juntos-espacios-y-territorios>. Acesso em 10 Mai.2012.

_____. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século**. In: MORAES, Dênis. Sociedade Midiatizada. (Org). Rio de Janeiro: Manuad, 2006c.

MOULIER-BOUTANG, Y. **Capitalismo Cognitivo**. IN: COCCO, G.; GALVÃO, A. P.; SILVA, G. (orgs). *Capitalismo Cognitivo*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. São Paulo: José Olympio, 2002.

JAGUARIBE, B. **O Choque do Real**: Estética, Mídia e Cultura. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2007.

SERELLE, M. **A TV como reparação**. Significação, São Paulo, n.35, p.75 – 89, 2011.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.